

O DISCURSO MEMORIALISTICO EM BAZAR PARANÁ, DE LUIS S. KRAUSZ

THE MEMORIALISTIC SPEECH IN
BAZAR PARANÁ, BY LUIS S. KRAUSZ

Marinês Andrea Kunz

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
Professora e pesquisadora da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).
E-mail: marinesak5@gmail.com

Juracy Assmann Saraiva

Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
Professora e pesquisadora da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).
E-mail: juracy@feevale.br

Carlos Vinicius Baraldi

Mestre em Letras pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).
Coordenador do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Gramado (Gramado/Brasil).
E-mail: viniciusbaraldi@gmail.com

Recebido em: 12 de setembro de 2020
Aprovado em: 22 de novembro de 2020
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RPR | a. 18 | n. 1 | p. 99-117 | jan./abr. 2021
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1i0.2429>

RESUMO

O ato de lembrar pode ser doloroso, pois possibilita, muitas vezes, o reencontro com a dor, a perda e o abandono. Objetos guardados e cuidados asseguram alguma permanência do passado diante dos olhos que o procuram, despertando sentimentos de toda ordem. A Literatura, paralelamente à História, dedica-se também à recuperação da memória, engendrando, dessa forma, reflexões sobre o passado. Nessa perspectiva, este artigo analisa discurso memorialístico no romance *Bazar Paraná*, de Luis S. Krausz, compreendendo a arte como procedimento, que busca no leitor um coautor na aventura leitora, pois ele deve desvendar o labirinto dialógico proposto na narrativa. Sem propriamente narrar os eventos históricos do passado, a obra centra-se na a o destes sobre as personagens, sobre sua subjetividade. Assim, a história se inscreve no texto literário a partir das observa es do narrador quando criança, analisadas, em grandes golfadas de reflexão, por ele quando adulto. Reflexões entremeadas por in meras referências intertextuais, que revelam um narrador que também   um grande leitor.

Palavras-chave: Bazar Paraná. Intertextualidade. Mimese.

ABSTRACT

The act of remembering can be painful, as it often makes it possible to rediscover pain, loss and abandonment. Objects kept and cared for ensure some permanence of the past before the eyes that seek it, awakening feelings of all kinds. Literature, in addition to history, is also dedicated to the recovery of memory, thus generating reflections on the past. In this perspective, this article analyzes memorialistic discourse in the novel *Bazar Paraná*, by Luis S. Krausz, understanding art as a procedure, which seeks in the reader a co-author in the reading adventure, as he must unveil the dialogical labyrinth proposed in the narrative. Without properly narrating the historical events of the past, the work focuses on the latter's action on the characters, on their subjectivity. Thus, the story is inscribed in the literary text based on the narrator's observations as a child, analyzed, in great reflection, by him as an adult. Reflections interspersed with countless intertextual references, which reveal a narrator who is also a great reader.

Keywords: Bazar Paraná. Intertextuality. Mimesis.

“Não é possível, ele próprio já se moveu, o instante veio e passou, o tempo leva-nos até onde uma memória se inventa, foi assim, não foi assim, tudo é como dissermos que foi.”

José Saramago

1 INTRODUÇÃO

Perscrutando os meandros mais íntimos das personagens em um discurso memorialístico, por vezes entrelaçando o autobiográfico e o ficcional pela autoficção, a literatura engendra a reflexão sobre o histórico, por vezes, sem focar o fato em si, mas avaliando seus ecos incessantes na constituição do sujeito, em sua subjetividade e identidade. O texto literário recupera, assim, vestígios, retira a poeira e o mofo de relíquias pessoais guardadas a sete chaves e olha para trás, vislumbrando as ruínas, tal qual o anjo benjaminiano, em busca do entendimento, da compreensão do passado, que insiste em escapular por entre os dedos e se esconder nos espaços mais recônditos e obscuros da memória e da psiquê.

Nesse movimento discursivo entre avanços e regressos, inscreve-se o passado e sua ação sobre o sujeito na obra *Bazar Paraná*, de Luis S. Krausz, pela qual o leitor acompanha os acontecimentos apresentados pelo olhar meticuloso do narrador, o qual revela, a partir das memórias de sua infância, a vida de imigrantes alemães que passaram a residir em uma peculiar cidade paranaense e engendra digressões para refletir sobre o universo judaico, a Segunda Guerra Mundial, o Brasil e a vida nos trópicos.

Luis S. Krausz, professor de literatura judaica e hebraica na USP — Universidade de São Paulo — e também escritor, em 2013, foi o vencedor do 2º prêmio *Benvirá* com o livro *Deserto* e, em 2016, segundo colocado no Prêmio *Jabutí* com a obra *Bazar Paraná*. Neste romance, dá vida a personagens judeus alemães que, na Alemanha, exerciam profissões como advogados, juízes, comerciantes, mas que tiveram que fugir de seu país, no final dos anos 30, em virtude da perseguição antissemítica, deixando para trás suas vidas bem-sucedidas. Buscaram, no Brasil, a paz, distantes da perseguição nazista, instalando-se em Rolândia, cidade do interior do Paraná. Viram na agricultura a possibilidade de um recomeço e construíram nessa cidade uma espécie de Alemanha particular. Trouxeram objetos de valor sentimental, e a memória se transformou em um baú de recordações a sustentar sua identidade.

O objetivo deste artigo é, pois, analisar a narrativa quanto à perspectiva da rememoração do passado e à intertextualidade, recurso pelo qual é povoada pelo discurso do outro, instituindo sentidos que refletem sobre a cultura, a tradição e a história, bem como seus efeitos sobre o sujeito.

2 A NARRATIVA MEMORIALISTA: O ENLACE ENTRE O REAL E O FICCIONAL

Bazar Paraná, de Luis S. Krausz, tem a viagem como condução da linha narrativa. A viagem de um menino, sua irmã e sua avó, na década de 70, de São Paulo a Rolândia, no norte do Paraná. Em se tratando da rememoração de fatos vivenciados na infância, a narração, por vezes, dilui os limites entre o que o narrador realmente experimentou e o que imagina sobre aquele tempo. Pensando nisso, o autor faz uso de uma nota preliminar para esclarecer que

este é um livro de ficção e de autoficção e, como tal, deve ser tomado e compreendido por todos os leitores. Assim como o eu ficcional representado na narrativa não coincide com o eu real do escritor, também os personagens nomeados não coincidem, em absoluto, com os verdadeiros portadores desses nomes em seu tempo. (KRAUSZ, 2015, p. 5).

Na mesma nota, Krausz informa que os nomes das personagens podem ser de pessoas que viveram tanto em São Paulo como no Paraná, mas que na história são nomes fictícios assim como suas características. Institui, assim, a dúvida.

Ao afirmar que se trata de uma autoficção, o autor aponta para uma perspectiva autobiográfica, com laivos de resgate de sua memória. Toda narrativa de si, segundo Gagnebin (1997, p. 101), é uma ficção de si mesmo, uma intervenção do presente na configuração do passado, que não pode ser recuperado como tal, apenas como mímese, como semelhança do que foi. Nesse sentido, segundo a concepção de memória e de passado de Walter Benjamin, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como foi efetivamente. É muito mais apropriar-se de uma recordação que brilha num momento de perigo” (1992, p. 150).

A reconfiguração dos fatos pretéritos é, pois, um modo de entendimento do próprio eu e, por isso, de redenção, ou seja, aquilo que Benjamin denomina retomada redentora do passado. Contudo, esse processo é frágil, uma vez que “não existem [...] reencontros imediatos com o passado, como se pudesse agarrar uma substância, mas há um processo meditativo e reflexivo [...]” (GAGNEBIN, 1994, p. 17). Não é possível recordar todos os fatos vividos, pois há uma perda inevitável que se dá pela ação do esquecimento, o que confere à rememoração esse caráter de redenção. Ela consiste, portanto, em uma forma de resgatar o perdido e recolher “num só instante privilegiado, as migalhas dispersas do passado para oferecê-las à atenção do presente” (GAGNEBIN, 1994, p. 91). Assim, na autoficção, entremeiam-se acontecimentos empíricos e fictícios, cujas fronteiras são indistintas, podendo-se “recortar a história em fases diferentes, dando uma intensidade narrativa própria do romance” (FIGUEIREDO, 2010, p. 92).

A rememoração se dá também pelas lembranças alheias e pelos objetos guardados, que presentificam o passado:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

E a reconstrução do passado é feita por meio da *mise en intrigue*, ou seja, o registro da memória e a constituição do sujeito se dão, aqui, através da escrita. A ficção, segundo Paul Ricoeur (1992, p. 190), pela organização narrativa, dá sentido à vida, articulando retrospectão e prospecção. A atividade da escrita da vida recupera, assim, um passado influenciado pela visão do presente, sobre o qual também se pode agir, tornando-o outro.

A relação entre literatura e realidade perdura também entre os leitores, pois estes, ao lerem, buscam no texto indícios da vida real, o que resulta na reflexão sobre sua própria realidade. A relação da ficção com o real, a mimese, foi estudada por Aristóteles, no Capítulo IX da *Poética*, segundo o qual “[...] a função do poeta não é contar o que aconteceu, mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade” (ARISTÓTELES, 1996, p. 53). Assim, o estagirita desvinculou a poesia da verdade, em oposição à visão platônica, conferindo importância ao princípio da verossimilhança externa, porque se relaciona com o possível e não com o verídico. O aspecto fundamental, contudo, é o ordenamento do mito (o enredo) na trama narrativa, organizado segundo relações de causa, consequência, lógica e necessidade. Essa organização narrativa tem o objetivo de provocar o prazer e a admiração necessários à catarse, que é a depuração dos sentimentos mediante o drama representado. Nesse sentido, é necessário voltar o olhar para o plano discursivo da narrativa em questão.

Ainda sobre a mimese, Compagnon (2014, p. 97) afirma que “o mundo sempre é já interpretado, pois a relação linguística primária ocorreu entre representações, não entre a palavra e a coisa, nem entre o texto e o mundo”, ou seja, a própria realidade seria, já, uma interpretação, uma releitura em si. Nessa perspectiva, todo signo é não só o reflexo da realidade, mas também sua refração, o que significa afirmar que todo signo enunciado é já uma interpretação, uma vez que não é neutro, mas ideológico (BAKHTIN, 2006). Dessa forma, o texto literário é resultado de uma cosmovisão, que engendra um dado ponto de vista, configurando a dimensão avaliativa do enunciado. Além disso, entremeando fatos rememorados e fatos ficcionalizados, a trama narrativa é também povoada de distintas vozes sociais, as quais ecoam na trama narrativa.

Ao longo da narrativa, em *Bazar Paranó*, o narrador faz, pois, alusões a outras vozes e textos que contribuem no processo de composição da narrativa e exigem um esforço interpretativo por parte do

leitor. Com base no dialogismo bakhtiniano, Júlia Kristeva (SAMOYULT, 2008, p. 16) cunha o termo intertextualidade e afirma que “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.

Samoyault (2008), na mesma linha de pensamento, explica o processo de formação do texto:

relação, dinâmica, transformação, cruzamento, o movimento da língua descrito nessa definição implica uma concepção extensiva de intertextualidade. A palavra se carrega de suas significações, de seus usos e de seus empregos e os transporta no texto que deles se vale e os transforma em contato com outras palavras ou enunciados. (SAMOYULT, 2008, p. 16).

Assim, pela intertextualidade, que constitui uma forma de dialogismo, a menção ou a citação de outros textos abre o campo de interpretação do leitor, que deve interagir mais aprofundadamente com a narrativa, uma vez que a não compreensão dessas marcas discursivas compromete o acesso aos sentidos do romance, pois elas têm memória discursiva e, por isso, trazem em si os sentidos originais dos quais o novo texto faz uso.

O romance é constituído, assim, pela ambivalência entre o relato memorialístico e a narrativa ficcional, sendo que o enredo não é apresentado de maneira contínua, mas como um conjunto de situações envolvendo cada uma das personagens, cada qual com seus objetos emblemáticos. Ademais, a trama narrativa é perpassada por diversas referências a obras literárias, figuras históricas, elementos da cultura e fatos históricos, perfazendo complexa rede de sentidos latentes.

A cada capítulo, vai se formando uma imagem sobre o que se lê e, segundo Chklovski (1978, p. 50),

A imagem não é um predicado constante para sujeitos variáveis. O objetivo da imagem não é tornar mais próxima de nossa compreensão a significação que ela traz, mas criar uma percepção particular do objeto, criar uma visão e não o seu reconhecimento.

Dessa maneira, a narrativa funciona como uma busca pela percepção do objeto narrado. A significação deriva dessa imagem percebida pelo leitor e elaborada segundo os princípios da verossimilhança. Como bem observa Compagnon (2014, p. 132),

A literatura explora as propriedades referenciais da linguagem; seus atos de linguagem são fictícios, mas, uma vez que entramos na literatura, que nos instalamos nela, o funcionamento dos atos de linguagem fictícios é exatamente o mesmo que o dos atos de linguagem reais, fora da literatura.

Por esse viés – da linguagem –, o leitor se permite relacionar o texto ficcional com a vida real, fazendo com que as personagens pareçam reais. O texto literário é autônomo em relação ao mundo real, mas cria uma imagem desse mundo, uma representação que o interpreta.

No intento de discutir alguns desses elementos narrativos, entremos neste bazar...

3 O RICO E VARIADO BAZAR PARANÁ

Como o detetive Hercule Poirot, da obra *Assassinato no Expresso do Oriente*, de Agatha Christie, que lê durante a viagem ao Paraná, o narrador observa minuciosa e atentamente tudo o que se passa a sua volta, para descobrir os sentidos do que contém o bazar. Em uma atitude detetivesca, busca descobrir os meandros da vida dos moradores de Rolândia, bazar em que, tal qual as personagens no Expresso do Oriente, embrenham-se em um universo próprio, para distinguir-se do país tropical que os acolheu. No entanto, o narrador detetive vai mostrando as fissuras de tal projeto.

As personagens habitantes de Rolândia são apresentadas paulatinamente, assim como o espaço em que se dão as ações, seus costumes e sua relação nostálgica com o passado. A partir da lembrança da viagem realizada na infância, o narrador, quando adulto, em longas digressões, problematiza a política e a economia brasileiras, a história, o judaísmo e o *Deutschtum* – a germanidade, conceito que “implica uma pressuposição de superioridade da raça alemã sobre as demais, pois compôs uma identidade grupal de ‘colono alemão’ como mais trabalhador, mais organizado e mais determinado, em comparação ao grupo dos ‘não alemães’” (FEHLBERG; MENANDRO, 2013, p. 117). Nessa perspectiva, o narrador apresenta elementos caros aos judeus alemães que migraram ao Brasil durante a Segunda Guerra Mundial e expõem seu *ethos*, questionando-o. A germanidade transparece, pois, em toda obra, nos costumes das personagens, no ambiente em que vivem e em sua cosmovisão.

Já os nomes dos visitantes não são informados, apenas que o narrador e sua irmã são crianças:

Minha irmã e eu éramos entretidos por D. Mathilde. [...]. Ela nos oferecia aquelas bolachas amanteigadas com canela, em forma de ursinhos, que se costumava oferecer às crianças na época do Natal, na Alemanha, mas ali eram preparadas durante o ano inteiro [...] ou talvez tivessem sido preparadas especialmente em nossa honra, para nos oferecer um fragmento, ao menos, de um prazer infantil germânico. [...]. De qualquer forma serviam para nos manter longe do escritório [...] onde a presença de menores, [...] não era desejada. (KRAUSZ, 2015, p. 45-46).

A viagem ocorre na década de 70, quando o país ainda vivia os difíceis anos da ditadura militar, sem, no entanto, haver menção exata ao ano: “Nossa visita vinha sendo protelada de ano para ano desde 1970

ou 1971” (KRAUSZ, 2015, p. 7). Todavia, o narrador menciona o governo de Ernesto Geisel, que presidiu o Brasil entre 1974 e 1979:

Para a elite brasileira, sempre carente de produtos importados que a austeridade ostensiva do General Ernesto Geisel deixava além das fronteiras do país, o Paraguai representava uma espécie de paraíso sobre a terra, com sua enxurrada de mercadorias de luxo importadas de todos os cantos do mundo. (KRAUSZ, 2015, p. 67).

A história é mais discutida do que narrada, sempre relacionada a uma lembrança dos dias passados em Rolândia. Sobre o Brasil, o narrador aborda, em especial, o período da ditadura civil-militar. Quando estudante no Colégio Bandeirantes, em São Paulo, ele se sentia vigiado pelos professores, que tinham fama de serem espões do regime, de modo que o protagonista evitava emitir opiniões. Também destaca o governo Geisel, com

seu círculo militar de óculos escuros, com sua marca indivisível de austeridade prussiana, em torno do qual os escândalos de corrupção, desvios de verbas, superfaturamento de obras públicas, gravitando como os filhos de Israel que, durante os quarenta dias da ida de Moisés ao Monte Sinai, dançavam em torno do bezerro de ouro dos iates e das moradas luxuosas, das ilhas em Angra dos Reis quando, para receber os dez mandamentos. (KRAUSZ, 2015, p. 76).

O governo e os que dele se beneficiavam são comparados aos judeus da passagem bíblica (Dt 9 7-21, 25-29), quando adoram o falso deus, o bezerro de ouro, ou seja, os valores materiais estão acima dos valores humanistas. Assim, a corrupção e o enriquecimento ilícito do período do regime militar são abordados constantemente na obra, paralelamente à violência impetrada pelo regime, pela economia em declínio, além do contrabando de produtos importados, trazidos do Paraguai.

Em outro trecho, o narrador aborda a rede de relações pessoais que, no Brasil, subjazem às grandes negociatas e aos investimentos públicos, influenciando os caminhos adotados por governos e por iniciativas privadas, valendo-se do compadrio e da cordialidade de que nos fala Sérgio Buarque de Holanda (1995). O interesse por objetos antigos, especialmente as antiguidades do passado colonial,

As quais se imaginava, secretamente, pudessem transferir a seus detentores aquela aura inefável que pairava torno das famílias de sobrenome português, há muitos séculos estabelecidas no Brasil, com suas amplas redes de parentescos e de relacionamentos, que se estendiam até os corredores do serviço diplomático, dos ministérios, das grandes empresas estatais, para não falar de territórios cujas dimensões eram comparáveis às de pequenos países europeus, isto é, as fazendas, de onde se extraía um sustento generoso, aparentemente destinado a durar para sempre. (KRAUSZ, 2015, p. 141 – 142).

Ordenamento nacional centrado nos interesses das elites, resquício dos tempos coloniais, mostra o lado escuso e falso das bases da sociedade brasileira, evidenciado pela compra de relíquias falsificadas, de móveis feitos com madeira tingida que imita a original, móveis sobre os quais se apoiavam produtos também falsificados, trazidos do país vizinho. Símbolos de um país que vivia uma farsa de progresso e de ordem, cujo pensamento, ainda hoje, está a se infiltrar em todas as áreas da nossa sociedade e da nossa democracia.

O narrador destaca, igualmente, a ascendência germânica do presidente Geisel, mediante a qual desconstrói o *Deutschtum*. A germanidade confere, aos alemães, superioridade em relação a outros grupos, por meio de seus valores e de sua conduta, o que inclui a valorização da formação escolar e acadêmica — a *Bildung* —, a organização, a simplicidade, o gosto pela música e pelas artes em geral, a ordem, a pontualidade, a prosperidade e a austeridade. A simplicidade e a prosperidade são relacionadas também ao luteranismo, ao qual tinham se convertido muitos imigrantes, como Dr. Fritz Hinrichsen e D. Leni, amigos da matriarca, em cuja casa os viajantes se hospedam. Conversão que visava à fuga do destino dos judeus na Alemanha nazista.

Em companhia do casal, os viajantes conhecem as demais personagens da narrativa, e o narrador, com seu olhar infante, colhe suas impressões. A visita dura exatos três dias, período em que o menino trava contato com décadas de história, por meio de lembranças compartilhadas à mesa, na hora das refeições e em outras situações. Os anfitriões tiveram que sair da Alemanha e vir para o Brasil em busca de um lugar seguro para reconstruírem suas vidas nos idos dos anos 1930, Dr. Fritz Hinrichsen tinha sido “[...] jurista formado pela Universidade de Frankfurt, que imaginava ter à sua frente uma carreira grandiosa, antes que seu título fosse cassado pelas leis raciais e ele impedido de exercer o ofício para o qual tinha se preparado por tantos anos” (KRAUSZ, 2015, p. 13).

O casal morava em uma

casa simples, construída de madeira pintada de verde com janelas cobertas por telas de náilon, era remanescente dos primeiros anos de colonização. Eles a tinham mantido assim porque a austeridade e a simplicidade eram virtudes e também porque lhes era preciosa a memória daqueles anos difíceis, cheios de lutas, e da coragem com que deram conta dos desafios que aquele tempo lhes colocara, de que estavam impregnadas aquelas paredes. (KRAUSZ, 2015, p. 14).

O trecho revela valores da germanidade, como a simplicidade, a austeridade e a persistência diante das dificuldades de adaptação à nova realidade, “nas entranhas da terra vermelha” do Paraná, onde

reconstruíram suas vidas. Nesse sentido, o narrador observa a cuidadosa organização da criação de frangos de Dr. Fritz:

agora se dedicava à engorda de frangos. [...] os frangos eram abrigados em galpões e separados de acordo com a idade. No primeiro galpão ficavam os pintinhos amarelos; no último, frangos crescidos que em breve seriam apanhados como frutas maduras pelo caminhão do frigorífico. (KRAUSZ, 2015, p. 16).

D. Leni era a responsável pelos afazeres domésticos, o que incluía a preparação de alimentos com os produtos que a lavoura oferecia.

Às sete horas nos sentamos à mesa do jantar. O pão de centeio feito por D. Leni, ainda morno, a manteiga fresca, preparada com o leite das vacas do sítio, as carnes frias e a salada de batatas, os ovos cozidos [...] e os pepinos em conserva trazidos pela dona da casa. (KRAUSZ, 2015, p. 26).

O narrador aponta a fartura da refeição, preparada com produtos produzidos pelo casal, e o cardápio próprio da culinária alemã, elementos da identidade cultural, cultivada por essas personagens, como a importância do trabalho, um dos pilares do *Deutschtum*.

A germanidade é elaborada, também, a partir do universo mítico da Idade Média, de onde vêm os arquétipos que influenciaram o arcabouço ético-cultural dos imigrantes judeus. O narrador faz menção ao poema épico *Canção dos Nibelungos (das Nibelungenlied)*, escrito em torno de 1200, na Idade Média, que remete ao nomadismo dos povos bárbaros e, igualmente, à *necessidade de migração do povo judeu, em busca de um local livre do antissemitismo*.

Essa referência é feita quando o narrador está em visita à casa do Dr. Max Hermann Maier e D. Mathilde e, como são crianças e não podem adentrar no escritório do anfitrião, aguardam a avó na sala em frente, tendo por companhia o casal Hinrichsen:

Evidentemente eles se sentiam honrados por estarem ali e também satisfeitos com a oportunidade de entreter hóspedes – uma arte alemã que remonta à Idade Média e que se encontra representada à perfeição em obras como *A canção dos nibelungos* que o Dr. Fritz Hinrichsen e D. Leni conheciam e amavam, de tal maneira que nossa presença ali, e as gentilezas que nos eram expressas com prodigalidade, os lembrava daquela passagem na qual o rei Etzel entretém Brünhild e todo o seu cortejo. (KRAUSZ, 2015, p. 46).

A *Canção dos Nibelungos* é o mais famoso poema heroico em médio-alto alemão e conta a história de Siegfried – o matador de dragões – desde sua infância e seu casamento com Kriemhild até seu

assassinato pelo terrível Hagen e a vingança subsequente da viúva, culminando na aniquilação dos burgúndios, ou nibelungos, na corte dos hunos. Kriemhild casa-se em segunda núpcias com o rei Etzel (Átila, rei dos hunos), para cujo reino convida o irmão Günther e sua esposa Brünhild, com o intuito de se vingar pela morte do primeiro marido, Siegfried. Originalmente baseado em uma antiga tradição oral, o poema foi registrado por escrito por volta do ano de 1200, ou logo após, provavelmente na corte de Wolfger von Erla, Bispo de Passau, de 1191 a 1204. Atualmente, é conhecido apenas nas versões que chegaram até a época atual, através de 37 manuscritos e fragmentos que datam dos séculos XIII ao XVI.

Em outro trecho, o narrador volta a referir a *Canção dos Nibelungos*, ao contar quando viu o Dr. Fritz Hinrichsen usando uma capa de chuva. Capa essa de muito valor sentimental,

Mas todos os objetos que tinham sido trazidos da Alemanha à época da emigração pareciam investidos de poderes mágicos, e aquela capa talvez fosse como a *Tarnkappe* do herói Siegfried, d'*A canção dos nibelungos*, o manto da invisibilidade sob a qual ele amparou Gunther em sua luta feroz contra a tremenda Brünhild, "a noiva do demônio no inferno" – conforme as palavras de Hagen [...]. (KRAUSZ, 2015, p. 233).

Invisibilidade almejada durante a fuga da perseguição nazista e, de certa forma, também no Brasil, onde puderam se instalar e viver em paz, em sua Alemanha particular, criada em terras paranaenses. A luta contra o antissemitismo é entendida, assim, como uma batalha contra o demônio, tal qual a luta de Siegfried.

Conforme afirma Daniele Gallindo G. Silva (2014), as narrativas míticas e os heróis medievais são, muitas vezes, empregadas na construção de uma unidade nacional, como ocorreu na Europa, durante o Romantismo, e como a narrativa dos Nibelungos, empregada na Alemanha. O mito foi, com o tempo, sendo relido e usado em distintas ocasiões:

Em sua obra *Mein Kampf* (1924), Hitler atribui a Siegfried o caráter de germanidade e iguala-o com a pátria: "Ein Feuer war entzündet, aus dessen Glut dereinst das Schwert kommen muß, das dem germanischen Siegfried die Freiheit, der deutschen Nation das Leben wiedergewinnen soll."¹ (Hitler: 1943, p. 406). Também para Josef Weinheber ("Siegfried-Hagen", 1936), Siegfried incorpora a figura ariana de cabelos loiros e guerreira, que, todavia, não foi honrada pela pátria quando esta lhe virou as costas. (SILVA, 2014, p. 73).

¹ Um braseiro foi aceso, da sua chama ardente, um dia, virá a espada que restituirá ao Siegfried germânico a liberdade e à nação alemã, a vida."

Hitler usava a imagem de um Siegfried alemão — nome formado pelo verbo *siegen* (vencer) e o substantivo *Frieden* (paz) —, para anunciar a Alemanha livre, instituindo o ideário da necessidade de livrar a nação da situação vivida. Antes da guerra, na República de Weimar, a situação econômica era caótica, com uma inflação absurda e o empobrecimento da população. Além disso, a canção foi transposta para a ópera *O anel do Nibelungo*, pelo compositor alemão Richard Wagner, o qual era antissemita e tornou-se o músico preferido de Adolf Hitler.

Nesse sentido, a remissão a essa narrativa medieval pelo narrador se bifurca em duas vias: seu emprego pelo ideário nazista e como símbolo da luta dos judeus contra esse nazismo. Elemento intertextual em que ressoam seus diversos empregos discursivos, colocando a nu a complexidade da história, da cultura e, por fim, do próprio homem.

O narrador também chama atenção para a erudição do casal Hinrichsen, quando, no retorno de uma visita,

D. Leni sussurrava, quase inconscientemente, um *Lied* de Schubert, do ciclo *Die Winterreise*, intitulado “**Der Leiermann**”, que descreve um solitário tocador de realejo descalço sobre o gelo junto a uma aldeia, um velho solitário esquecido por todos, cujo prato de esmolas permanece sempre vazio. (KRAUSZ, 2015, p. 97).

O alemão Franz Schubert (1797-1828) foi o verdadeiro criador do *Lied* (canção) romântico. Sua obra foi marcada pelos movimentos literários românticos, o lirismo e a exaltação do folclore alemão. Compôs músicas para poemas de Schiller e Goethe, entre outros, e seus temas preferidos eram o amor, a morte e a natureza, de acordo com o que propunha o movimento *Sturm und Drang*. O *Lied* é uma canção para voz solista acompanhado de piano, cuja música é composta com base em um poema, união perfeita entre texto e música.

A obra *Die Winterreise* (1827) é formada de 24 canções criadas a partir dos poemas de Wilhelm Müller (1794-1827), contemporâneo de Schubert. A obra aborda as vivências e reflexões de um viajante que, mediante profunda desilusão amorosa, parte de sua aldeia, durante o inverno. A canção também fala de um tocador de realejo, que está com os dedos duros e o prato vazio, já que ninguém o acolhe ou lhe oferece o que comer. O significado dessa referência intertextual pode ser associado à situação das personagens que deixaram a Alemanha, mediante profunda desilusão com a pátria mergulhada no nazismo. Para a sobrevivência do casal, a partida era necessária, mas também dolorosa, como uma viagem durante o inverno europeu.

Afora as novas adaptações pelas quais tiveram que passar, Dr. Hinrichsen mantinha consigo alguns pertences que tinham importante significado e os guardava com muito zelo, tais como presentes recebidos

dos parentes de D. Leni, como canetas da marca Montblanc e os álbuns de selos, cuja “grande coleção iniciada ainda nos anos da inflação, na Alemanha de Weimar, com selos cujo valor de face alcançava cifras de milhões e bilhões” (KRAUSZ, 2015, p. 20). Nessa perspectiva, a memória está relacionada aos vestígios da história, os quais ancoram o tempo vivido junto ao tempo cósmico e, por meio do efeito-signo, são dotados de significado. Falam, portanto, sobre o passado e os fatos vividos. Neste caso, os selos remetiam à inflação do período anterior à Segunda Guerra Mundial, quando a Alemanha passava por sérios problemas econômicos, os quais conduziram à ascensão do nazismo e ao segundo conflito mundial.

O narrador informa que a Segunda Guerra Mundial — quando “o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial” (HOBBSAWM, 1995, p. 30) — não era tópico de conversação entre as famílias de imigrantes, ao contrário da Primeira Guerra, em que muitos alemães judeus também lutaram, integrando as forças nacionais, diferentemente daquela, quando foram perseguidos e mortos. Há, aqui, o silenciamento do trauma, pela impossibilidade de traduzir em palavras a dor e o horror provocados pela barbárie do nazismo. Silenciado, mas não esquecido, pois

A todo instante e sob todos os pretextos essas histórias, tão convenientemente guardadas e esquecidas, retornavam do seu confinamento e espalhavam um halo escuro e denso de silêncio, do qual só era possível escapar por milagre, como de um destino infausto. (KRAUSZ, 2015, p. 204).

É nesse contexto que os visitantes não tiveram acesso à parte da famosa coleção filatélica do Dr. Hinrichsen que continha selos do tempo do nazismo — interdita e inacessível. Tal coleção poderia ser compreendida como um contrassenso, pois qual o sentido de guardar os selos do 3º Reich, que lhe roubou a vida digna e o futuro promissor na Alemanha?

Com o processo migratório dos judeus alemães para o Brasil, os avós do narrador ganham importância, uma vez que auxiliavam os patrícios aqui chegados e os recepcionavam no porto,

para saudar com dignidade e com respeito homens e mulheres que, na Alemanha, tinham sido reduzidos à condição de párias, muitos dos quais, já nas últimas travessias nos vapores da Hamburg-Süd para a América do Sul, haviam sido despachados dos campos de concentração diretamente para as embarcações (KRAUSZ, 2015, p. 45).

Quando a perseguição nazista se intensifica, o casal Max e Mathilde Maier Hermann também emigram em 1938,

[...] eram um casal já idoso, de estatura mítica em Rolândia, e viviam recolhidos numa casa cuidadosamente pintada de um tom amigável de amarelo, diante da qual D. Mathilde cultivava um jardim maravilhoso de ervas medicinais, plantas aromáticas, especiarias e flores. (KRAUSZ, 2015, p. 33).

No trecho citado, percebe-se a característica da casa cuidadosamente pintada e com um jardim maravilhoso, composto por ervas, temperos e flores. Assim como D. Mathilde, D. Leni também cultivava um imponente jardim em sua residência, de modo que é possível afirmar que o jardim bem cuidado remete à identidade dos alemães, que os imigrantes buscam manter em sua diáspora no Brasil.

Na Alemanha, “Dr. Max servira o exército do Kaiser Guilherme II na guerra de 1914 a 1918, tendo alcançado o grau de tenente, fora condecorado com a Cruz de Ferro” (KRAUSZ, 2015, p. 33); agora, em terras brasileiras, “comemorava em íntima e silenciosa alegria, a publicação, na Alemanha, pela editora Joseph Knecht, do seu livro Um advogado de Frankfurt torna-se cafeicultor na selva brasileira, pelo qual tinha sido condecorado com a Ordem do Mérito da Federação Alemã” (KRAUSZ, 2015, p. 33). Na ocasião da visita, o autor presenteia a avó do narrador com um exemplar autografado do livro. O fato de ter sido condecorado revela a importância da sua produção cultural e mostra que, apesar de agricultor no Brasil, o advogado erudito detém capital cultural, referendado pelo prêmio e pela publicação.

O Kaiser Guilherme II, último imperador alemão, destituiu Otto von Bismarck, primeiro ministro responsável pela unificação dos povos teutos, e conduziu a Alemanha à Primeira Guerra Mundial. Como o Dr. Max, muitos judeus lutaram pelo país nas tropas do imperador, ao passo que, no segundo conflito mundial, tiveram que buscar refúgio em outros países, em virtude da perseguição antisemita, seguindo em sua milenar errância pelo mundo em busca “do lugar verdadeiro — que talvez fosse sempre em outro lugar, ou estivesse em lugar nenhum do passado, ou talvez estivesse destinado a não ser encontrado nunca” (KRAUSZ, 2015, p. 55 – 56), “enquanto as chaminés de Auschwitz-Birkenau enviavam os corpos cremados para suas sepulturas nas nuvens” [...] (KRAUSZ, 2015, p. 16).

Em sua errância, chegaram a Rolândia, cidade cujo nome remete ao herói medieval Rolando das novelas de cavalaria retratado no poema *Canção de Rolando*, que integra a *Matéria de França*. Rolando lutou heroicamente contra a invasão dos mouros na Península Ibérica, simbolizando, no imaginário dos imigrantes judeus, a luta contra o inimigo nazista. À semelhança a Bremen, cidade na Alemanha, em Rolândia também fora erguida uma estátua do herói medieval, encravando, na terra vermelha, o imaginário medieval europeu de um passado heroico, mais seguro que o passado mais recente. Assim, do cheiro da terra vermelha molhada, esses imigrantes “se protegiam por meio do cultivo perseverante e

persistente de hábitos, de ideias e da língua trazidas da terra natal, ao mesmo tempo que essa terra natal se desfizera, no nada, nas cinzas, como uma nuvem de pó [...]” (KRAUSZ, 2015, p. 198).

Em sua diáspora, criavam um universo ilusório, aferrados à germanidade, *ethos* que imaginam legar a seus descendentes, como garantia da dignidade e da superioridade de um mundo civilizado, em que a arte, a instrução, a ordem, a circunspeção e as boas maneiras imperam. O “[...] *Deutschtum* ao qual o Dr. Max Hermann Maier se apegava, em seu desterro, como a uma tábua de salvação, e do qual lhe era tão impossível livrar-se quanto dos próprios ossos e da própria medula” (KRAUSZ, 2015, p. 100).

Germanidade cultivada pelo Dr. Max, que, em seu escritório, reservado como um templo religioso, escreve suas memórias em folhas, que lhe eram enviadas por um amigo da Alemanha, pois, no Brasil, o papel, de ordinário, não assegurava a qualidade da letra, escrita com caneta tinteiro, comprometendo, assim, seus escritos memorialísticos.

Os pacotes que o Dr. Markus Gelber enviava a seu colega e amigo permitiam que a escrita graciosa do Dr. Max Hermann Maier, feita com sua velha caneta-tinteiro, se desenvolvesse com a precisão vagarosa que lhe era característica. Com gestos mais exatos do que os de um cirurgião, ele ia preenchendo as folhas de um branco azulado com letrinhas miúdas [...] como se narrar fosse também um jeito de desfazer aquilo que as forças irresistíveis da história tinham terminado [...] e [e] insistia em procurar na história [...] as razões e desrazões dos acontecimentos. (KRAUSZ, 2015, p. 40/41).

A preservação do passado e tudo o que ele representa, e ao qual se agarravam, não consiste, entretanto, na redenção, e o *Deutschtum* revela-se esboroadado, assim como a manutenção da fé mosaica. O legado deixado aos descendentes dos imigrantes não se sustenta nos filhos e netos, que, em busca de formação — *Bildung* —, não permaneceram em Rolândia, vivenciando nova errância. Cansados e envelhecidos, os imigrantes já não têm a mesma força de outrora e o ideal de vida expresso na manutenção da germanidade se fragiliza, o que é evidenciado pelo estado da casa, que apresenta falhas nas telhas e tinta descascada. Pormenores que o narrador percebe ao final da estada na casa dos anfitriões.

Mesmo as relações com o nazismo são relativizadas, como na passagem em que o narrador informa que primos distantes de D. Leni, que foram considerados arianos, integraram o exército alemão. Sua culpa no horror da guerra é, contudo, amenizada, como vemos no trecho a seguir, eivado de fina ironia. Eles participaram,

Mas sob as ordens, evidentemente, de comandantes militares, isto é, cumprindo fielmente, como é dever de cada soldado, as ordens dos seus superiores, o que, é evidente, os isenta de toda culpa, assim como estes superiores, por sua vez, isentam-se também, pois, tanto quanto os seus subordinados, estavam, eles também, sujeitos

aos laços inquebrantáveis da obediência e da fidelidade por meio dos quais ficavam submetidos, totalmente, a seus superiores hierárquicos, e estes, por sua vez, aos seus próprios superiores, e assim por diante, de maneira que nada poderia ser dito a respeito desses parentes. (KRAUSZ, 2015, p. 242).

Percebe-se a dissimulação dos sobreviventes da guerra e a relativização dos fatos, que remete à complexidade do passado: judeus integrando as tropas nazistas que dizimaram milhares de outros judeus e a culpabilidade nos crimes cometidos. Essa questão também é abordada quando o narrador fala do trabalho do avô junto à siderúrgica alemã Mannesmann AG, que produzia armas vendidas aos nazistas, o gás Zyklon B, usado para matar os judeus nos campos de concentração, e os tubos metálicos que o conduziam até a câmara de gás:

[...] meu avô fora contratado para representar, em São Paulo, os interesses de uma grande empresa alemã do ramo da siderurgia, cujos funcionários e diretores evidentemente não tinham desempenhado nenhum papel de importância durante o Terceiro Reich. Todos eles eram puros, todos eles justos, todos democratas que não tinham ideia do que se passava com os judeus depois de suas deportações das grandes estações de trem das cidades do Reich [...]. (KRAUSZ, 2015, p. 110-111).

A ironia é clara quando o narrador aponta que os membros da empresa eram puros, justos e democratas. Para os judeus, quando do seu interesse, as relações com os que atuaram na guerra ao lado dos nazistas passam a ser possíveis.

A própria ligação com a religião judaica se fragiliza. De um lado, pelo fato de muitos terem se convertido a fim de se salvar e, de outro, por adotarem outra relação com a tradição religiosa. A conversão ao catolicismo, contudo, não era perdoada pelo avô do narrador, em virtude do papel da Igreja Católica no pós-guerra, quando abrigou

antigos oficiais, altos burocratas do partido, ex-dirigentes de grandes empresas, cujas burras tinham sido abarrotadas pelo esforço de contingentes aparentemente inesgotáveis de trabalhadores escravos, encaminhando-os para postos de trabalho respeitáveis em cidades como Buenos Aires e Mendoza, Assunção, La Paz [...] (KRAUSZ, 2015, p. 66).

Assim, a conversão mais adequada era a conversão para o luteranismo, como o fizera o casal Hinrichsen. Entretanto, causa espanto à avó do narrador o fato de o casal, de modo convicto, festejar o Natal cristão, embora ela não esboce nenhuma expressão diante dessa informação, como convinha à austeridade germânica. Contudo, a despeito da alegria com o natal e com os ritos cristãos celebrados

com entusiasmo, o casal enfeitava o pinheiro com a fotografia de Theodor Herzl (1860-1904), o jornalista judeu austro-húngaro, fundador do sionismo político, movimento que pregava que o antissemitismo só seria resolvido quando os judeus dispersos pelo mundo pudessem se reunir e se estabelecer em um Estado nacional independente. A homenagem ao idealizador do estado israelense engendra, de um lado, as raízes religiosas do casal e, de outro, uma contradição um tanto acintosa, na medida em que configurava um enfeite da árvore de natal do cristianismo.

Modificações na forma de perpetuar a religião mosaica também ocorrem na família do narrador, a qual integra, em São Paulo, uma

[...] comunidade de dissidentes dos serviços religiosos estabelecidos para ser a vanguarda e a continuação do movimento da reforma judaica da Europa de língua alemã, obliterada, em suas terras de origem, pela destruição do judaísmo alemão, mas cujas ideias tinham sido trazidas ao Brasil por meio de refugiados [...]. (KRAUSZ, 2015, p. 254).

Essa maleabilidade do sobrevivente do *der Krieg* refugiado no Brasil é metaforizada pelo verbo *wenden*, que significa virar. A viragem, como virar do avesso, vivida pelos imigrantes é metaforizada pela capa de chuva do Dr. Henrichsen, adquirida na Alemanha, e que havia sido reformada pela Sra. Lotte Misfeld. A costureira dominava como poucos a técnica de reformar as vestimentas, recosturando-as pelo avesso, revelando o lado que nunca deveria ser mostrado. A capa de chuva, já virada pelo avesso, e novamente gasta pelo uso e pelo tempo, deixava entrever, por entre as fibras corroídas do tecido, as omoplatas do Dr. Henrichsen. Metáfora da ação das mudanças sofridas pelos imigrantes, contudo, ainda agarrados a um passado obsoleto:

Desfazia-se, assim, a fortaleza que esses doutores pensavam legar intacta a seus filhos e netos, como o alicerce sobre o qual estavam destinados a ser construídos edifícios a cada tanto mais grandiosos — as bases de torres destinadas a atingir o céu dos céus, arrasadas tanto quanto a Alemanha de onde tinham surgido, só os cacos e os escombros de tais edificações ocupavam lugares centrais naquelas moradas remotas, onde emitiam à sua volta os últimos raios de uma luz bruxuleante, em torno da qual aquelas famílias se aqueciam, como em volta da brasa declinante de um último pedaço de carvão numa noite longa de inverno. (KRAUSZ, 2015, p. 94).

Impossibilitados de retornar à nação de origem pelo simples fato de ela já não mais existir por ter sido reduzida a cinzas, sendo real apenas em seu imaginário e em seus corações, é necessário cultivá-la artificialmente, por meio do *Deutschtum* e dos valores que ele professa. Os imigrantes diferenciam-se, dessa forma, dos habitantes encontrados nos trópicos. Todavia, essa manutenção dos costumes, das tradições e da cultura alemãs não é redentora, pois “o pesadelo — e não a nostalgia — era a lembrança

da Europa que carregavam pela vida, um fardo tão pesado quanto inesquecível [...]” (KRAUSZ, 2015, p. 269).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bazar: comércio de variedades e de objetos usados a valores módicos. Bazar Paraná é repleto de variedades — memórias, reflexões, sentimentos reprimidos, história, cultura. O texto de Krausz exige do leitor um comprometimento com a leitura para recuperar os sentidos propostos pelo elevado número de correlações entretecidas nas digressões reflexivas, quando o narrador adulto olha por sobre o ombro para o passado e busca compreender os que o povoam, suas motivações, seus silêncios e seus segredos. A rememoração — e a análise — é profundamente dialógica, expandindo os sentidos discursivos para fora dos liames textuais. O bazar, aqui, é de uma variedade rica, possibilitando distintos percursos isotópicos de sentido.

Ao leitor cabe, pois, entrar no bazar e escolher o que mais lhe agrada e, com isso, perscrutar os meandros da significação. Bazar Paraná é, assim, uma obra desafiadora, que exige participação da instância receptiva para a compreensão da fina e elaborada análise histórica que propõe.

A memória da pátria da qual se exilaram para sobreviver, as paisagens, a religiosidade, os costumes, os muitos amigos e familiares que ficaram — e morreram —, as lembranças do vivido e a mágoa compõem o bazar. Memórias que voltam para assombrar os imigrantes: “o anjo que passava ali [...] era o Anjo da História, que [...] contempla, de longe, o desenrolar dos acontecimentos e aguarda, pacientemente, o momento propício para o ataque” (KRAUSZ, 2015, p. 49).

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa. 2008.

BENJAMIN, Walter. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio d’água, 1992.

CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira. (org). **Teoria da Literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Editora Globo. 1978. p. 39-56.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2.ed. 2014. p. 95-135.

FEHLBERG, Jamily; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. O *deutschtum* e a vocação para o trabalho: recriação do modo de vida “alemão - camponês” entre pomeranos no Espírito Santo. **Psicologia e Saber Social**, vol. 2, n. 1, p. 115-130, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/6932>. Acesso em: 20 out. 2020.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KRAUSZ, Luis S. **Bazar Paraná**. São Paulo: Benvirá. 2015.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. São Paulo: Editora Hucitec. 2008.

SILVA, Daniele Gallindo G. Para uma (re)mitificação dos Nibelungen no período entre guerras mundiais. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**: Literatura e Cinema de Resistência. nº 23 – janeiro a junho de 2014. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index>. Acesso em: 29 set. 2020.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas, São Paulo: Papius, 1992.